

## O tempo numa sequência descritiva

### Resumo

O estudo que desenvolvi tem como objectivo verificar se há propriedades temporais e aspectuais inerentes às sequências descritivas. Pretendi determinar se, nas sequências descritivas, ocorre predominantemente um dado tempo verbal, ou se as situações referidas se integram predominantemente numa determinada classe aspectual, ou se se observa uma elevada taxa de ocorrência de adverbiais temporais, ou, ainda, se prevalece uma dada relação discursiva entre os enunciados.

Os resultados obtidos sugerem a seguinte hipótese de trabalho, a ser confirmada ou infirmada em futuras investigações: as propriedades temporais e aspectuais prototípicas das sequências descritivas devem ser procuradas a nível das classes aspectuais em que se inserem as situações referidas e das relações temporais entre essas situações. A hipótese de trabalho que me proponho desenvolver é a seguinte: nas sequências descritivas, predominam as situações da classe dos estados e a relação temporal de sobreposição entre essas situações estativas.

Em conjunto com outras investigações efectuadas – cf. Silva (2002) e Silva (2005a) -, desta hipótese de trabalho decorre a ideia segundo a qual é pertinente conceber, a nível das propriedades temporais e aspectuais, um *continuum* entre dois pólos: o polo das sequências narrativas (caracterizado pela ocorrência predominante de eventos e da relação temporal de sequencialidade entre essas situações eventivas) e o pólo das sequências descritivas (caracterizada pela ocorrência predominante de estados e da relação temporal de sobreposição entre essas situações estativas).

### Palavras-chave:

Sequência descritiva

Estados

Sobreposição

Forma verbal

Relação discursiva

## *The expression of time in a descriptive sequence*

### **Abstract**

The goal of my investigation is to establish the existence of temporal and aspectual properties which are prototypical of the descriptive sequences. I intend to answer the following questions: is there a tense (present tense, for instance) which prevails in all descriptive sequences? Are these sequences characterized by the occurrence of a specific aspectual class (like states)? What about time adverbials? Do they occur in a significant number (like it happens mostly in narrative sequences)? Is there a discourse relation which prevails in these types of textual sequences?

The results of this investigation suggest the following hypothesis, which I will try to confirm in my next studies: the prototypical temporal and aspectual properties of the descriptive sequences must be sought at the aspectual classes level and at the time relations level (and not at the tense level, or at the time adverbs level, or even at the discourse relations level). Descriptive sequences are mainly characterized by the occurrence of states and by the overlapping relation between these stative situations.

In association with other studies – see Silva (2002) and Silva (2005a) –, it arises the idea that, so far as temporal and aspectual properties are concerned, there is a *continuum* between two poles: the narrative sequence pole (which is mainly characterized by the occurrence of events and the temporal relation of sequenciality between those events) and the descriptive sequence pole (which is mainly characterized by the occurrence of states and the temporal relation of overlapping between those states).

### **Key-words**

Descriptive sequence

States

Overlapping

Verbal form

Discourse relation

### **1. Introdução**

Ao longo deste artigo, proponho-me analisar a expressão do tempo numa sequência textual de tipo descritivo. O objectivo deste estudo consiste em verificar se há propriedades temporais e aspectuais que são típicas das sequências descritivas, em contraste com outras sequências textuais (como as sequências narrativas, por exemplo).

O ponto de partida é, por isso, a seguinte questão: quando um locutor escolhe produzir uma sequência textual descritiva, essa selecção determina a ocorrência, na superfície textual, de mecanismos temporais e aspectuais inerentes ao tipo sequencial escolhido? Por outras palavras, há propriedades temporais e aspectuais específicas das sequências textuais descritivas?

Tentarei demonstrar se é pertinente ou não associar às sequências descritivas a ocorrência preferencial de um tempo verbal ou de uma classe aspectual. Procurarei, ainda, evidenciar se o que tipicamente caracteriza as sequências descritivas são relações temporais de sequencialidade ou de sobreposição entre as situações referidas.

O modelo de análise que adoptei integra as seguintes referências:

– a classificação de sequências textuais de Adam (1992) – que prevê a existência de cinco protótipos sequenciais (quatro monogerados e um poligerado): narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal;

– a tipologia de classes aspectuais de Moens (1987) – que, com base na oposição entre estados e eventos, estabelece cinco classes de estados de coisas: estados, processos, processos culminados, culminações e pontos;

– a *Teoria da Representação do Discurso* de Kamp e Reyle (1993) – que permite um tratamento adequado da expressão do tempo a nível textual, articulando informação de natureza temporal e aspectual;

– a *Teoria da Estrutura Retórica* de Mann e Thompson (1987) – que propõe uma análise dos enunciados segundo as relações de significado que são inferíveis entre eles, apresentando uma lista de relações discursivas possíveis.

Os resultados que agora apresento, de modo necessariamente abreviado, inserem-se numa investigação mais vasta, em que procedi à análise comparativa de múltiplas sequências de diversos tipos – cf. Silva (2005).

Começarei por definir e indicar, de modo breve, algumas propriedades relevantes das sequências descritivas.

## **2. Propriedades das sequências descritivas**

Uma descrição consiste na representação de um objecto ou entidade no seu todo e nas suas partes. A simples enumeração das partes constitutivas corresponde ao grau zero da descrição.

Na tradição retórica, a descrição é perspectivada negativamente e, quando comparada com a narração, são-lhe apontados, entre outros, os seguintes *defeitos*:

- a descrição não tem uma ordem *natural* própria (porque um objecto pode ser descrito segundo ordenações muito diversas dos seus elementos constituintes); Segundo Paul Valéry, “une description se compose de phrases que l’on peut, en général, intervertir: je puis décrire cette chambre par une suite de propositions don’t l’ordre est à peu près indifférent. Le regard erre comme il veut” (Adam e Petitjean 1989: 72). O mesmo autor escreveu, noutra ocasião, que “toute description se réduit à l’énumération des parties ou des aspects d’une chose vue, et cet inventaire peut être dressé dans une ordre quelconque, ce qui introduit dans l’exécution une sorte de hasard. [...] On peut décrire un chapeau en vingt pages, une bataille en dix lignes” (Adam e Petitjean 1989 : 72).

- a descrição tem carácter estático (por oposição ao carácter dinâmico da narração: a inserção de uma sequência descritiva no meio de uma sequência narrativa traduz-se numa pausa no avanço do tempo da intriga);

A possibilidade de permutar, de um modo mais ou menos livre, os elementos internos da descrição e de a prolongar indefinidamente<sup>1</sup> sugerem que ela é anárquica, em contraste com o movimento, com a acção e com a ordem subjacentes à narrativa.

Em rigor, deve dizer-se que as descrições têm geralmente uma ordem subjacente, um plano de texto – por exemplo, de cima para baixo, da esquerda para a direita, caracterização física, primeiro, e caracterização psicológica, depois. Todavia, essa ordem não é previsível a partir do objecto que é descrito; ela depende da subjectividade do locutor. Pelo contrário, uma narrativa pode ser contada segundo a ordem de ocorrência dos eventos que nela são narrados, tendo, por isso, uma ordem *natural* própria.

Dada esta concepção que subalternizava as sequências descritivas relativamente às sequências narrativas, os trabalhos de Hamon (1993), no âmbito da Semiótica Narrativa, e de Adam e Petitjean (1989) e Adam (1992), na área da Linguística Textual, contribuíram para reabilitar a descrição.

---

<sup>1</sup> Segundo Hamon (1993: 43), “la clôture d’une description ne dépend pas de la nature de l’objet à décrire, mais de l’étendue du stock lexical du descripteur qui entre en compétition de compétence avec celui du lecteur. La description est toujours, plus ou moins, ostentation, de la part du descripteur, de son savoir (encyclopédique et lexical)”.

Hamon (1993) “a [...] mis l’accent sur les procédures d’ouverture et de fermeture des moments descriptifs (ou séquences), sur la nature profondément tabulaire de l’organisation des énoncés descriptifs, sur les procédures de métaphorisation, d’animation et de mise en ordre qui permettent de lutter contre l’effet de liste” (Adam 2002: 166).

A Adam (1992) e a Adam e Petitjean (1989) deve-se quer a indicação das operações que subjazem às sequências descritivas, quer a explicitação da estrutura macroproposicional que prototipicamente caracteriza este tipo de sequências.

Sendo definida como um conjunto de elementos associados a um centro temático, há quatro operações que estão na base da sequência descritiva – ver Adam (1992) e Adam e Petitjean (1989):

a) Identificação (*ancrage*) - operação descritiva em que se assinala o tema, o todo que é objecto de descrição;

b) Listagem (*aspectualisation*) operação descritiva em que se enumera as características e as partes em que o objecto se subdivide;

c) Relacionamento - operação descritiva em que se associa o objecto descrito ou as suas partes a outros objectos, pela comparação ou pela metáfora; também a localização temporal e espacial do tema da descrição se incluem nesta operação;

d) Encaixe por subtematização - operação descritiva em que se toma uma das partes do todo como objecto de uma nova descrição; esta operação depende da operação de Listagem.

Os procedimentos de Identificação e de Listagem constituem a essência da descrição e garantem a unidade da sequência descritiva. Na Identificação, apresenta-se o todo; na Listagem, caracteriza-se o todo e subdivide-se esse todo nas partes que o compõem. Qualquer descrição é composta por uma sucessão de predicções enunciadas acerca de um dado tema ou título. O facto de se poder resumir um segmento discursivo (por exemplo, a descrição da fachada de um edifício) numa única designação (como Museu de História Natural) é justamente o que traduz a especificidade da descrição.

Por outro lado, as operações de Listagem e de Encaixe por subtematização contribuem para que a estrutura macroproposicional<sup>2</sup> subjacente à descrição seja hierarquizada e vertical, em contraste com a estrutura linear e horizontal da sequência narrativa.

A operação de Relacionamento permite aproximar o todo que é objecto da descrição – ou, num nível inferior da estrutura macroproposicional, qualquer uma das suas partes – a outro(s) objecto(s), segundo relações de analogia, nomeadamente através da assimilação pela

---

<sup>2</sup> Por razões que decorrem da falta de espaço, não explicito neste artigo a estrutura macroproposicional desta sequência descritiva. O diagrama em que essa estrutura é apresentada encontra-se em Silva (2005a: 309).

comparação ou pela metáfora. Também os procedimentos de localização temporal e espacial do objecto da descrição se integram na operação de Relacionamento.

A operação de Encaixe consiste em tomar uma parte ou propriedade do objecto da descrição como tema de uma nova descrição. Por exemplo, as partes do tema anteriormente explicitadas através da operação de Listagem podem, subsequentemente, ser caracterizadas sob diversos aspectos e de serem, por sua vez, segmentadas em outras partes, através da operação de Encaixe por sub-tematização. Este procedimento descritivo decorre, portanto, da operação de Listagem e inaugura um novo procedimento de Identificação, situado num nível hierárquico inferior relativamente à operação de Identificação do todo que é objecto de descrição. A operação de Encaixe constitui, assim, a base da expansão descritiva que, em teoria, pode prolongar-se indefinidamente.

### **3. Apresentação da sequência descritiva analisada**

Proponho-me, a seguir, analisar a temporalidade de uma sequência descritiva que tem como objecto a fachada de um edifício emblemático da Universidade de Coimbra: o Museu de História Natural.

Esta sequência textual foi extraída de um volume que faz parte de uma obra colectiva: *História da arte em Portugal*. A formação sociodiscursiva de origem da publicação é a comunidade académico-científica. O texto em análise integra-se, assim, no discurso científico e reconhece-se-lhe como objectivo principal a divulgação geral de informações relativas ao património artístico existente em Portugal, nomeadamente nas áreas da arquitectura, da escultura e da pintura. Deste modo, trata-se de um texto de carácter informativo, vocacionado para um público não conhecedor da matéria. Observa-se, portanto, uma relação entre locutor e alocutário que se pode definir como a relação entre um especialista nas matérias tratadas na obra e um não-especialista.

Na transcrição da sequência descritiva, recorro à numeração árabe para identificar as diferentes orações e à numeração romana para assinalar os adverbiais temporais atestados na sequência. As formas verbais e os adverbiais temporais foram salientados: as formas verbais estão a negro e os adverbiais temporais estão sublinhados. Sempre que há orações intercaladas, antepõe-se um número no início da oração e esse mesmo número com apóstrofe nos restantes elementos dessa oração (como sucede nas proposições (7) e (11)).

(1) A grande obra artística da reforma pombalina é o Museu de História Natural, (2) que **andava a ser construído (I)** em 1779.

(3) **Trata-se** de um edifício com uma longa fachada de cento e onze metros de comprimento, dividida em três corpos, bem demarcados por pilastras.

(4) O do meio **exibe** no piso térreo três aberturas em arcaria, encimadas por outros tantos janelões com gradaria de ferro, (5) a **mostrar** na parte central um medalhão ovalado (6) onde se **encontra** esculpida a efígie do marquês e coroados por pequenos frontões triangulares.

(7) **Demarcam** esta zona, (8) **intervalando** as aberturas, (7') quatro pilastras dóricas adossadas à parede (9) e **remata** o conjunto um largo frontão triangular, ornamentado no seu tímpano com um relevo da autoria de Machado de Castro (10) **representando** a Natureza.

(11) Os corpos (12) que se **alargam** de um e outro lado deste quase pseudotemplo, também com pilastras (13) a **demarcar** os cunhais, (11') **ostentam** no primeiro piso janelas e no térreo alternância de portas coroadas por pequenos frontões triangulares e aberturas similares às do piso superior. (14) O edifício é excelentemente marcado.

(15) **Corre** sobre a cimalha uma platibanda com balaústres na prumada das janelas e urnas e pirâmides (elemento este arcaizante) (16) a **confirmar** o ritmo marcado na fachada.<sup>3</sup>

A sequência descritiva em análise é, segundo a tripartição de Adam e Petitjean (1989), uma descrição do tipo ver (em contraste com outras descrições, do tipo dizer e do tipo fazer<sup>4</sup>). O que caracteriza as descrições do tipo ver é que elas são produzidas por um locutor com a capacidade de observar um dado objecto e de o representar no discurso através da sobreposição de imagens.

Nesta descrição, verifica-se o que é típico em descrições do tipo ver: a segmentação em partes do todo que é objecto da descrição. Assim, a sequência descritiva em análise caracteriza-se pela enumeração dos elementos arquitectónicos considerados pela autora como os mais relevantes (por exemplo, a fachada dividida em três corpos: um corpo central e dois laterais).

<sup>3</sup> ANACLETO, Regina (1993) História da arte em Portugal vol. 10 (*Neoclassicismo e Romantismo*). Lisboa, Alfa, p. 40 (1.ª edição, 1986).

<sup>4</sup> A descrição do tipo dizer “est prise en charge par un personnage qui, doté d’un savoir, s’adresse à d’autres, ayant une connaissance moins grande que la sienne de l’objet à décrire”, Adam e Petitjean (1989: 43). Já a descrição do tipo fazer (por vezes designada “descrição homérica”) “prend la forme d’une série d’actions, manifestant [...] le faire d’un acteur agissant sur l’objet à décrire. Le texte, au lieu de comptabiliser les parties d’un objet “idéel”, énumère un ensemble de gestes techniques au moyen desquels sont présentés les composants de l’objet”, Adam e Petitjean (1989: 45). Segundo estes autores, as descrições de acções, que encontramos em textos de instruções de montagem ou em receitas de culinária, por exemplo, são descrições do tipo fazer.

Associada a esta enumeração, verifica-se uma progressiva particularização, um movimento descritivo que parte do que é maior em direcção ao que é menor: observa-se a divisão da fachada do edifício em partes sucessivamente menores (por exemplo, o corpo central do edifício tem portas e janelas; as janelas têm varandas; nas varandas, há grades de ferro; as grades de ferro incluem um medalhão central; nesse medalhão está esculpida a efígie do Marquês de Pombal, o governante que mandou construir o Museu de História Natural).

Esta sequência descritiva reflecte, portanto, uma disposição não arbitrária dos elementos que a integram. Ela apresenta um plano de texto bem definido, que nada tem de aleatório. Dividida a fachada do edifício em três corpos (um central e dois laterais), a autora aponta as principais características do corpo central, numa particularização crescente; indica, depois, as propriedades arquitectónicas mais importantes dos dois corpos laterais (que são iguais). A enumeração e a particularização configuram, por isso, o plano de texto da sequência.

Um outro ponto importante acerca da sequência descritiva reside no facto de ela revelar que a autora é dotada de uma competência lexical específica da área do conhecimento em que se enquadra (no caso concreto, no domínio da arquitectura dentro do âmbito mais vasto da história da arte). Não são raros os exemplos de utilização de palavras ao longo das sequências que reflectem a inserção nessa área do conhecimento: salientam-se os substantivos (como *pilastras*, *tímpano*, *cimalha*, *platibanda*, etc.) e certos lexemas que manifestam valores menos comuns no seu uso corrente (como *coroadado* e *correr*, entre outros).

Assim, a descrição demonstra ser, como defendeu Hamon (1993), o lugar em que emergem os léxicos especializados, apelando simultaneamente à competência lexical e aos conhecimentos enciclopédicos do alocutário. Na verdade, também esta descrição é reveladora de um triplo saber: um saber sobre as palavras, um saber sobre o mundo e um saber sobre os modos de classificar.

Explicitarei, a seguir, um conjunto de dados relevantes para proceder à análise da temporalidade desta sequência descritiva.

#### **4. Elementos para a análise do tempo numa sequência descritiva**

Os dados que considero mais relevantes para analisar a expressão do tempo numa sequência textual são os seguintes:

- formas verbais;
- adverbiais temporais;

- classes aspectuais das situações referidas;
- relações discursivas entre os enunciados.

Começo por explicitar as formas verbais que ocorrem nesta sequência. O quadro seguinte indica o número de ocorrências dos tempos verbais e das formas nominais do verbo atestados no segmento discursivo em análise<sup>5</sup>.

| <b>Formas verbais</b>       | <b>N.º de ocorrências</b> | <b>%</b>     |
|-----------------------------|---------------------------|--------------|
| Presente                    | 10                        | <b>62,5</b>  |
| Infinitivo                  | 3                         | <b>18,7</b>  |
| Gerúndio                    | 2                         | <b>12,5</b>  |
| Pretérito imperfeito        | 1                         | <b>6,3</b>   |
| <b>Total de proposições</b> | <b>16</b>                 | <b>100,0</b> |

**Quadro 1 – Formas verbais que ocorrem nesta sequência descritiva**

O presente do indicativo é o tempo verbal predominante nesta sequência descritiva: 10 ocorrências em 16 proposições (cerca de 62,5 % do total de ocorrências de formas verbais).

O infinitivo e o gerúndio (com 3 e 2 ocorrências, respectivamente) e o pretérito imperfeito (1 ocorrência) completam as formas verbais que constam da sequência em análise.

Se estas informações forem cruzadas com a ocorrência das formas verbais em orações principais, então torna-se ainda mais evidente a preponderância do presente do indicativo: as 8 orações principais atestadas têm como núcleo de sintagma verbal uma forma de presente. O tempo verbal de base da sequência descritiva em análise é, portanto, o presente do indicativo.

Quanto aos adverbiais temporais, ocorre apenas um ao longo desta sequência descritiva. Trata-se do adverbial temporal de localização “em 1779”.

| <b>Adverbiais temporais</b> | <b>Localização</b> | <b>Duração</b> | <b>Frequência</b> |
|-----------------------------|--------------------|----------------|-------------------|
|-----------------------------|--------------------|----------------|-------------------|

<sup>5</sup> Em Silva (2005a: 316-321), reflectimos acerca das formas de participio passado que integram as proposições (3), (4), (6), (9), (11), (14) e (16) (*dividida, demarcados, encimadas, coroados, ornamentado, coroadas e marcado*), no sentido de determinar se essas formas constituem o núcleo de orações participiais, de orações adjectivas reduzidas ou de orações passivas adjectivais. Esta é uma questão muito relevante para estabelecer quer o número de proposições atestadas na sequência descritiva em análise, quer o número de formas verbais que nela ocorrem e o de classes aspectuais das situações referidas. Argumentámos que as estruturas em causa constituem orações passivas adjectivais em que foram omitidas as formas verbais de tipo copulativo. Assim, consideramos que cada uma das formas atrás assinaladas é um adjectivo derivado de participio passado e constitui o núcleo do sintagma adjectival de uma oração passiva adjectival. Comprova a nossa opção o facto de estas construções serem compatíveis com verbos copulativos flexionados no presente do indicativo: “[uma longa fachada] que está dividida em três corpos”, “[três corpos] que estão bem demarcados por pilastras”, etc. Na sequência descritiva em causa, estas orações servem para acrescentar propriedades dos referentes denotados pelos sintagmas nominais das orações principais, e as características assinaladas verificam-se nos mesmos intervalos de tempo ocupados pelas situações referidas nas proposições que incluem os sintagmas nominais.

|                |          |          |          |
|----------------|----------|----------|----------|
| <i>Em 1779</i> | <b>X</b> | <b>-</b> | <b>-</b> |
| <b>TOTAL</b>   | <b>1</b> | <b>0</b> | <b>0</b> |

**Quadro 2 – Adverbiais temporais atestados nesta sequência descritiva**

O adverbial de localização temporal atestado nesta sequência procede à localização absoluta, no eixo do tempo, da situação a que se encontra associado. Este número de ocorrências é escassíssimo, em particular se compararmos com o que é comum observar em sequências narrativas.

Vejamos, agora, as classes aspectuais em que se integram os estados de coisas referidos na sequência.

| <b>CLASSES ASPECTUAIS</b> | <b>PROPOSIÇÕES</b>   |
|---------------------------|--|
| <b>Estado lexical</b>     | (1) A grande obra artística da reforma pombalina é o Museu de História Natural,  |
| <b>Estado habitual</b>    | (2) que <b>andava a ser construído em 1779</b> .   |
| <b>Estado lexical</b>     | (3) <b>Trata-se</b> de um edifício com uma longa fachada de cento e onze metros de comprimento, dividida em três corpos, bem demarcados por pilastras.                                 |
| <b>Estado lexical</b>     | (4) O do meio <b>exibe</b> no piso térreo três aberturas em arcaria, encimadas por outros tantos janelões com gradaria de ferro,   |
| <b>Estado lexical</b>     | (5) a <b>mostrar</b> na parte central um medalhão ovalado  |
| <b>Estado lexical</b>     | (6) onde se <b>encontra</b> esculpida a efígie do marquês e coroados por pequenos frontões triangulares.   |
| <b>Estado lexical</b>     | (7) <b>Demarcam</b> esta zona, [...], quatro pilastras dóricas adossadas à parede  |
| <b>Estado lexical</b>     | (8) <b>intervalando</b> as aberturas,  |
| <b>Estado lexical</b>     | (9) e <b>remata</b> o conjunto um largo frontão triangular, ornamentado no seu tímpano com um relevo da autoria de Machado de Castro   |
| <b>Estado lexical</b>     | (10) <b>representando</b> a Natureza.  |
| <b>Estado lexical</b>     | (11) Os corpos [...] <b>ostentam</b> no primeiro piso janelas e no térreo alternância de portas coroadas por pequenos frontões triangulares e aberturas similares às do piso superior. |
| <b>Estado lexical</b>     | (12) que se <b>alargam</b> de um e outro lado deste quase  |

|                       |   |
|-----------------------|---|
|                       | pseudotemplo, também com pilastras  |
| <b>Estado lexical</b> | <b>(13) a demarcar</b> os cunhais,  |
| <b>Estado lexical</b> | <b>(14) O edifício é</b> excelentemente marcado.  |
| <b>Estado lexical</b> | <b>(15) Corre</b> sobre a cimalha uma platibanda com balaústres na prumada das janelas e urnas e pirâmides (elemento este arcaizante) |
| <b>Estado lexical</b> | <b>(16) a confirmar</b> o ritmo marcado na fachada.   |

### Quadro 3 – Classes aspectuais das situações referidas nesta sequência descritiva

Nesta sequência, apenas são referidas situações estativas: 15 estados lexicais e 1 estado habitual – na proposição (2). Os estados, recorde-se, constituem situações durativas, atéllicas, sem limites inerentes. Estes dados, associados aos que dizem respeito às formas verbais atestadas na mesma sequência, permitem antever que o segmento textual em causa assenta a sua temporalidade não em desenvolvimentos cronológicos, como acontece no caso das sequências narrativas, mas, predominantemente, na sobreposição temporal dos estados de coisas referidos.

Indico, por fim, as relações discursivas inferíveis entre os enunciados. No quadro seguinte, sistematizamos as principais relações discursivas atestadas ao longo da sequência descritiva<sup>6</sup>.

| <b>Relação discursiva</b> | <b>Núcleo</b>  | <b>Satélite</b>   |
|---------------------------|----------------|-------------------|
| <b>CIRCUNSTÂNCIA</b>      | (1)            | (2)               |
| <b>ELABORAÇÃO</b>         | (1)            | (3) – (16)        |
|                           | (3)            | (4) – (16)        |
|                           | (4)            | (5)               |
|                           | (5)            | (6)               |
|                           | (4) – (6)      | (7) – (10)        |
|                           | (11)           | (12) – (13)       |
| <b>AVALIAÇÃO</b>          | (3) – (13)     | (14)              |
| <b>Relação discursiva</b> | <b>Um item</b> | <b>Outro item</b> |
| <b>LISTA</b>              | (4) – (10)     | (11) – (13)       |

### Quadro 4 – Relações discursivas inferidas nesta sequência descritiva

<sup>6</sup> Não constitui nosso objectivo a apresentação exaustiva de todas as relações discursivas inferíveis ao longo da sequência descritiva, mas apenas a indicação daquelas que, do ponto de vista da organização macroestrutural e das relações temporais entre as situações referidas, nos parecem mais importantes.

A relação de *ELABORAÇÃO* é aquela que se revela mais importante do ponto de vista da organização discursiva da sequência em análise. A *ELABORAÇÃO* consiste na relação discursiva que se estabelece entre dois segmentos textuais em que um (o núcleo) manifesta uma determinada informação e o outro (o satélite), apresenta informação adicional que especifica a primeira. Esta relação é atestada entre o segmento textual que introduz a sequência descritiva, no qual se procede à identificação do objecto a ser descrito, e quase todas as proposições seguintes – excepto a proposição (2) –, em que se especificam e se caracterizam as partes constituintes da fachada do edifício identificado. Observa-se, ao longo de toda a sequência, esta mesma relação sempre que se indica um detalhe ou uma propriedade relativos a uma parte do todo que constitui a fachada do Museu. Deste modo, é a relação de *ELABORAÇÃO* que claramente predomina na sequência descritiva em análise.

A relação de *CIRCUNSTÂNCIA* define-se pelo facto de, a um segmento em que se expressa uma determinada informação (núcleo), se associar um outro que apresenta um contexto adequado para a interpretação daquela informação (satélite). Esta relação discursiva observa-se entre a proposição (1) e a proposição (2): o segundo segmento textual serve para enquadrar temporalmente o processo de construção do edifício referido no primeiro segmento.

A relação de *LISTA* consiste na apresentação sucessiva de entidades ou situações. Ao contrário de outras relações discursivas, não é composta por duas categorias funcionalmente distintas – um núcleo e um satélite – uma vez que esta relação discursiva “does not have a particular span of text which is more central to the author’s purposes” (Mann 2005)<sup>7</sup>. A relação discursiva de *LISTA* observa-se entre dois grupos de proposições: (4) a (10) e (11) a (13). Em rigor, pode falar-se da existência desta relação discursiva também no caso da apresentação sucessiva de partes do objecto da descrição – veja-se, por exemplo, as proposições (11), (12) e (13).

A relação de *AVALIAÇÃO*, por fim, consiste na apresentação de um segmento que introduz uma situação (núcleo) e de um outro que contém um comentário avaliativo relativamente a essa situação (satélite). A relação discursiva de *AVALIAÇÃO* observa-se entre as proposições (3) a (13) e a proposição (14), porquanto este segmento constitui um

---

<sup>7</sup> Não se deve confundir a relação discursiva de *LISTA* (proposta por Mann e Thompson (1987)) com o procedimento descritivo de Listagem (proposto por Adam (1992)), dois conceitos que a nossa tradução aproximou terminologicamente. A relação discursiva de *LISTA* diz respeito ao modo como diferentes segmentos textuais se relacionam entre si a nível do significado, tendo em conta a coerência global do texto em que estão inseridos. O procedimento descritivo de Listagem (*Aspectualisation*, no original francês) é uma operação que diz respeito ao modo como o locutor caracteriza um dado objecto e/ou o decompõe nas suas partes constituintes. O recurso a este procedimento descritivo dá origem à relação discursiva de *LISTA*. Mas enquanto o procedimento descritivo é exclusivo do protótipo sequencial descritivo, a relação discursiva de *LISTA* pode ocorrer em textos que actualizam outros protótipos sequenciais.

comentário em que se integra um juízo de valor relativamente à especificação das partes e das propriedades da fachada do edifício.

A análise do quadro permite comprovar a articulação que existe, em termos globais, entre todas as proposições da sequência. A relação de *ELABORAÇÃO* tem uma grande importância na organização discursiva global desta sequência textual. De facto, esta relação é atestada entre a proposição (1) e quase todas as restantes proposições que compõem a sequência descritiva.

## 5. O tempo numa sequência descritiva

Retomo, agora, alguns dados relevantes, tendo como objectivo explicitar as relações temporais que se observam entre as situações denotadas neste texto:

– todas as situações referidas são de tipo estativo (quase exclusivamente, estados lexicais), ou seja, situações durativas sem fronteiras temporais explícitas;

– 15 das 16 situações referidas na sequência descritiva ocorrem em frases que integram formas verbais de presente do indicativo ou que dependem sintáctica e temporalmente dessas frases; essas situações são temporalmente localizadas num intervalo que inclui o intervalo de tempo da enunciação;

– uma única situação (referida na proposição (2)) é localizada num intervalo de tempo anterior ao momento da enunciação (esse intervalo de tempo é explicitamente indicado pelo único adverbial temporal que ocorre nesta sequência textual).

O esquema seguinte não constitui uma proposta de formalização das relações temporais entre as situações, mas pretende representar, de um modo visualmente apreensível, as relações temporais que as situações referidas no texto mantêm umas com as outras.

(16) \_\_\_\_\_

(15) \_\_\_\_\_

(14) \_\_\_\_\_

(13) \_\_\_\_\_

(12) \_\_\_\_\_

(11) \_\_\_\_\_

(10) \_\_\_\_\_

(9) \_\_\_\_\_



Uma descrição do tipo *ver*, como a que estamos a analisar, representa a simultaneidade do objecto descrito na linearidade do discurso. Globalmente, esta sequência descritiva pode ser definida como um conjunto de imagens referentes a situações temporalmente sobrepostas entre si, as quais incluem o intervalo de tempo da enunciação. Há uma única excepção: através do recurso a um adverbial temporal e a uma forma verbal do pretérito imperfeito, o estado de coisas denotado pela proposição (2) é localizado no eixo cronológico num intervalo anterior ao intervalo de tempo da enunciação.

O movimento descritivo que parte do plano panorâmico para o plano aproximado, e vice-versa, sugere a técnica de utilização do *zoom* em sequências de imagens filmadas ou fotografadas. O frequente recurso a orações relativas explicativas constitui o mecanismo sintáctico-semântico que permite a obtenção desse efeito de sucessiva aproximação.

Com base nos dados explicitados, apresentarei, a seguir, as conclusões que deles decorrem.

## 6. Conclusões

O objectivo desta investigação, recorde, traduz-se na questão seguinte: quando um locutor produz uma sequência descritiva, a escolha desse tipo de sequência determina a ocorrência de certos mecanismos de expressão do tempo, nomeadamente um dado tempo verbal ou uma dada classe aspectual, ou ainda o estabelecimento de relações temporais de sequencialidade ou de sobreposição entre as situações referidas?

Não é possível, evidentemente, extrair conclusões definitivas sobre os mecanismos de expressão do tempo nas sequências descritivas com base na análise de uma única sequência textual. O estudo efectuado permite, sobretudo, colocar hipóteses de trabalho cuja pertinência deverá ser avaliada em futuras investigações.

Não se pode concluir que todas as sequências descritivas integram predominantemente formas de um determinado tempo verbal (o presente do indicativo, por exemplo), porque há sequências em que predomina o pretérito imperfeito. Por outras palavras, não é ao nível do tempo verbal predominante que se deve procurar propriedades prototípicas das sequências descritivas.

Defendo a ideia de que é ao nível das classes aspectuais e da relação temporal predominante entre as situações referidas que podem ser estabelecidas essas propriedades prototípicas.

A sequência descritiva analisada refere unicamente situações estativas (estados lexicais e um estado habitual). Além disso, nela predomina a relação temporal de sobreposição, que é atestada entre quase todas as situações denotadas. A investigação efectuada sugere, por isso, que as sequências descritivas do tipo *ver* manifestam as seguintes propriedades prototípicas:

- a) referem predominantemente estados;
- b) esses estados mantêm entre si relações de sobreposição temporal.

Estas conclusões são, naturalmente, provisórias. Necessitam de ser confirmadas (ou infirmadas) por mais investigações, que incidam sobre sequências descritivas em que predominem outras características a nível dos tempos verbais que nela ocorrem, por exemplo. Noutras sequências descritivas, podem ser atestadas taxas de ocorrência de adverbiais temporais mais elevadas, e podem predominar formas verbais flexionadas em tempos da esfera do passado (como o pretérito imperfeito) ou da esfera do futuro (eventualmente, o futuro do indicativo ou uma perífrase verbal com valor de futuro). Mas o predomínio de situações estativas e da relação temporal de sobreposição entre essas situações parece ser uma propriedade geral das descrições.

Partindo da hipótese segundo a qual as sequências descritivas que caracterizam objectos localizados nas esferas temporais do passado, do presente e do futuro manifestam propriedades temporais diversas a nível dos tempos verbais e dos adverbiais temporais, julgo ser pertinente desenvolver investigações em que se proceda à comparação entre sequências nas quais o objecto da descrição se localize naquelas três esferas temporais. A minha intuição enquanto sujeito falante, todavia, sugere-me que, mesmo em descrições com essas características, se atesta o predomínio de situações da classe dos estados, assim como de relações temporais de sobreposição entre as situações denotadas.

Se as conclusões que atrás indiquei se confirmarem, é pertinente estabelecer o seguinte contraste, no domínio das propriedades temporais e aspectuais, entre as sequências descritivas e as sequências narrativas:

– a nível das classes aspectuais, nas sequências descritivas, predominam os estados; nas sequências narrativas, predominam os eventos;

– a nível da relação temporal entre as situações, nas sequências descritivas predomina a relação de sobreposição; nas sequências narrativas, predomina a relação de sequencialidade.

Nesse caso, poder-se-á concluir que as sequências narrativas e as sequências descritivas são susceptíveis de se distinguir, entre outras propriedades, com base em critérios de natureza temporal e aspectual.

Adam (1992) sugeriu que as classificações textuais fossem concebidas de um modo gradual, escalar. Segundo este ponto de vista, uma concepção adequada dos diferentes protótipos sequenciais consiste em integrá-los num *continuum*, e, com base nas propriedades que cada texto singular manifesta, tentar localizá-lo num ponto mais próximo ou mais periférico relativamente ao pólo ocupado por um dado protótipo sequencial.

Julgo que é pertinente conceber um *continuum* de que o protótipo sequencial narrativo e o protótipo sequencial descritivo constituam os pólos. Nesta perspectiva, qualquer texto produzido situa-se, no que diz respeito às suas características temporais e aspectuais, num ponto mais próximo do pólo do protótipo sequencial narrativo ou do protótipo sequencial descritivo.

### Referências bibliográficas

- ADAM, Jean-Michel (1992) *Les textes: types et prototypes*. Paris, Éditions Nathan.
- ADAM, Jean-Michel (2002) “Description”. Em: Patrick Charaudeau, e Dominique Maingueneau (coord.) *Dictionnaire d’analyse du discours*. Paris, Éditions du Seuil: 164-168.
- BOSQUE, Ignacio, e DEMONTE, Violeta (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid, Espasa Calpe.
- HAMON, Philippe (1993 [1981]) *Du descriptif* (4.º ed.). Paris, Hachette.
- KAMP, Hans, e REYLE, Uwe (1993) *From discourse to logic. Introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht, Kluwer.
- MANN, William (2005) “Intro to RST/Rhetorical Structure Theory”. <http://www.sfu.ca/rst/01intro/intro.html#top> [consultado 29.11.2007].
- MANN, William, e THOMPSON, Sandra (1987) “Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization”. <http://www.sfu.ca/rst/05bibliographies/report.html> [consultado 29.11.2007].
- MATEUS, Maria Helena Mira, et al., coord. (2003 [1983]) *Gramática da língua portuguesa* (5.ª ed. revista e aumentada). Lisboa, Caminho.
- MOENS, Marc (1987) *Tense, aspect and temporal reference*. Edinburgh, University of Edinburgh.

- SILVA, Paulo Nunes da (2002) “A expressão de valores temporais numa sequência narrativa”. *Vidya* (Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, Brasil). Nº 37: 179-195.
- SILVA, Paulo Nunes da (2005a) *O tempo no texto*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Aberta.
- SILVA, Paulo Nunes da (2005b) “Contributos para o estudo da expressão do tempo em textos de instruções: o exemplo da receita de culinária”. Em: Dulce Carvalho, Dionísio Vila Maior, e Rui de Azevedo Teixeira (coord.) *Des(a)fiando discursos. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa, Universidade Aberta: 587-597.
- SILVA, Paulo Nunes da (2005c) “A expressão do tempo num texto de instruções do sub-género ‘modo de emprego’ ”. Em: *Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística: 647-658.
- SILVA, Paulo Nunes da (2006) “A expressão do tempo numa sequência explicativa”. Em: *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística: 611-623.
- VENDLER, Zeno (1967) “Verbs and times”. Em: Zeno Vendler, *Linguistics in philosophy*. Ithaca, Cornell University Press: 97-121.